

ENTRE A AÇÃO E A INÉRCIA: A ESCRITA DE SI EM CAROLINA MARIA DE JESUS

BETWEEN ACTION AND INERTIA: THE WRITING THE SELF IN CAROLINA MARIA DE JESUS

Dossiê:

Literatura negra e indígena no Brasil:
oralidades, ancestralidades, resistências



ORGANIZADORES:

Dr. Paulo Petronílio Petrot



Dr. Pedro Mandagará



Dr^a. Luciana Borges



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E LINGÜÍSTICA

v. 33, n. 65, ago. 2024
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 28/05/2024

Aceito em: 27/06/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Camilla Giovanna Alves do Nascimento  
UESPI | camillanascimento@aluno.uespi.br

Ana Cristina Meneses de Sousa  
UESPI | anacristina@cchl.uespi.br

Resumo/Abstract

Este artigo propõe uma discussão em torno da escrita de Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977). Nesse sentido, o texto faz uso dos seguintes livros como fonte de pesquisa: Diário de Bitita (1986), Quarto de Despejo: diário de uma favelada (2014) e Meu sonho é escrever (2018). Metodologicamente, este é um trabalho de caráter exploratório e abordagem qualitativa. Como possíveis conclusões, destaca-se a notória sensibilidade com que Carolina de Jesus percebia a posição que ocupava na sociedade, bem como a capacidade da autora em denunciar e reivindicar espaços de forma coletiva.

Palavras-chave: escrita de si, pós-colonialidade, interseccionalidade.

This article proposes a discussion about the writing of Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977). In this sense, the text makes use of the following books as a research source: Diário de Bitita (1986), Quarto de Despejo: diário de uma favelada (2014) and Meu sonho é escrever (2018). Methodologically, this is an exploratory work and qualitative approach. As possible conclusions, highlights the notorious sensitivity with which Carolina de Jesus perceived the position she occupied in society, as well as the author's ability to denounce and claim spaces collectively.

Keywords: self-writing, post-coloniality, intersectionality.

INTRODUÇÃO

Carolina de Jesus nasceu em uma família humilde. Neta de ex-escravizados e filha de agricultores, passou parte da infância no campo, fonte de sustento e renda de sua família. Estima-se que a escritora tenha nascido no dia 14 de março de 1914, cerca de vinte e seis anos após a abolição da escravatura no Brasil. Desse modo, cabe dizer que ela viveu em uma sociedade notoriamente racista, fazendo com que as marcas do período colonial e da escravidão estejam presentes em sua escrita. No livro *Diário de Bitita* (1986), a autora relata que frequentou a escola durante dois anos por influência da patroa de sua mãe e que o primeiro contato com a instituição gerou medo e descontentamento, pois, além de estar lidando com o novo, ela se deparou com o preconceito das outras crianças. Além disso, foi no ambiente escolar que, pela primeira vez, ela se reconheceu como Carolina Maria de Jesus, seu nome de batismo, já que, até então, atendia apenas pelo apelido de Bitita.

De início, Carolina de Jesus não se interessou pelos estudos e apresentou certa resistência, mas, com o incentivo de sua professora, Lanita Salvina, aprendeu a ler e a escrever. A partir desse momento, a leitura e, posteriormente, a escrita passaram a fazer parte de seu cotidiano. De forma análoga à realidade vivida, as obras da autora relatam o preconceito e as dificuldades enfrentadas em sua rotina diária, atravessadas também pelos condicionantes do sexo, raça e classe social.

Por ter nascido durante a Primeira República, período em que os estados de São Paulo e Rio de Janeiro passavam por um intenso processo de urbanização, a autora tomou para si a idealização da cidade grande como um lugar moderno e cheio de oportunidades. Por essa razão, no dia 31 de janeiro de 1937, Carolina de Jesus deixou a cidade mineira de Sacramento, sua terra natal, com destino a São Paulo em busca de melhores condições de vida. Sobre isso, em um de seus registros, a escritora destaca: “Eu ouvi dizer que lá em São Paulo todos arranjam serviço, que os pobres e os ricos se confundem nos trajes” (JESUS, 2018, p. 66).

Segundo Sevcenko (2014), durante a Primeira República as ruas estreitas e as endemias que assolavam a sociedade representavam um obstáculo ao desenvolvimento do país, o que levou a um projeto de alargamento das ruas e higienização das cidades. Nesse processo, a população pobre foi a mais afetada, sendo compulsoriamente retirada do centro, onde havia uma maior circulação de estrangeiros e pessoas da elite, e depositada em um local distante, às margens da sociedade. Esse contexto acentuou a formação das favelas no Brasil. Assim, quando Carolina de Jesus chegou a São Paulo, seu destino já havia sido circunscrito; tendo em vista o seu baixo poder aquisitivo, bem como seus pares, a escritora ocupou a posição de marginalizada, residindo durante mais de uma década na favela do Canindé, local que foi palco da obra mais conhecida da autora, a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, lançado em 1960.

Tanus (2022) conta que, em São Paulo, Carolina de Jesus trabalhou como empregada doméstica para a alta burguesia, circunstância que lhe proporcionou acesso a livros e bibliotecas. O contato com o mundo literário, iniciado ainda em Sacramento, aflorou o seu senso crítico, já que, observando o espólio deixado pela escritora, é possível notar que ela tinha um olhar atento e consciente diante da sociedade a qual pertencia, fato que, durante muito tempo, não foi bem aceito. A imagem de Carolina de Jesus foi associada a um temperamento forte e difícil, muitas vezes duro. Entretanto, é preciso observar que essa mulher estava inserida em um contexto onde mulheres, negros e pobres não tinham lugar na sociedade. Ao se colocar como sujeito ativo e trazer para si a missão de se deslocar do “não-lugar” e caminhar até o “lugar”, a autora causa desconforto, pois, além de “lugar” ser a posição destinada ao outro, branco e de elite, o comportamento exercido por ela representa um desvio e uma fuga da docilidade e subserviência imposta aos homens e mulheres negros naquela sociedade.

O “não-lugar” que Carolina de Jesus ocupava era reforçado por uma hierarquização social desigual que invisibilizava e silenciava os sujeitos. Sobre isso, é importante pontuar que as bases que estruturam a sociedade até os dias atuais são coloniais, uma vez que as relações sociais e de poder ainda são baseadas em classe, gênero e raça, o que reforça a importância de pensar a trajetória da autora levando em consideração esses três aspectos; aspectos estes que a colocam numa posição de pobre, mulher e negra. Atualmente é possível observar um aumento no número de pesquisas e discussões pós-coloniais que objetivam romper com os padrões da colonialidade. Inocência Mata (2000) destaca que no pós-colonial brasileiro surge a necessidade de se repensar o país que não se encontra mais na fase de nacionalização ou na condição de emergência, mas sim do agenciamento de sua emancipação.

Em vista disso, no núcleo dos debates pós-coloniais, o discurso é deslocado para um viés onde cada indivíduo reivindique seu espaço na sociedade, narre sua história e saia do lugar de invisibilidade. Spivak (2014) traz uma reflexão interessante acerca da relação entre o subalternizado e o intelectual dentro do contexto pós-colonial: a autora entende o subalterno como um sujeito cuja voz não pode ser ouvida e o intelectual como o responsável por criar espaços de representações onde as camadas mais baixas da sociedade possam difundir a própria voz. Dessa forma, por refletir de forma crítica e elaborar ideias concernentes à realidade em que estava inserida, Carolina de Jesus, enquanto intelectual, vai reivindicar seu espaço através da literatura numa tentativa de autorrepresentação, o que não se concretiza por conta de sua posição social e outros fatores que a lançam em uma posição inferiorizada.

Com a publicação do livro *Quarto de Despejo*, a realidade exposta pela autora vai contribuir para desestruturar uma série de verdades e reivindicar espaços de forma coletiva. Desse modo, sua escrita de si é reconhecida também como a escrita do outro. Vale destacar que a escrita de si é a arte de narrar e construir a si mesmo, considerando que, ao escrever, o sujeito tem a possibilidade de performar quem ele pretende ser.

Somado a isso, a constituição de si através da literatura abre caminhos para que outras pessoas também se constituam através da escrita. Ademais, para além da denúncia, os textos desenvolvidos por Carolina de Jesus atuaram na sociedade da época como um agente possibilitador, pois, a partir deles, outras mulheres negras passaram a desenvolver a própria escrita.

Em síntese, o objetivo deste trabalho é discutir sobre como a escrita desenvolvida por Carolina de Jesus contribuiu para descortinar o interior das favelas do Brasil e romper com a passividade que era imposta ao povo negro da segunda metade do século XX, uma vez que, a partir da sua ação propulsora de escrever, outros sujeitos entraram em movimento, rompendo com a inércia a qual eram submetidos.

Para tal fim, o texto será dividido em três partes: na introdução, abordaremos os principais conceitos da pesquisa e uma pequena biografia da escritora; no segundo tópico, a pesquisa levantará discussões acerca da relação entre História e Literatura, abarcando também a trajetória literária de Carolina de Jesus e como sua escrita possibilitou a saída de sujeitos do território da invisibilidade. Por fim, destacaremos a sensibilidade da autora, enfatizando o impacto que sua escrita provocou na sociedade e como a mesma está inserida no campo dos estudos pós-coloniais.

ENTRE A AÇÃO E A INÉRCIA: A ESCRITA DE SI DE CAROLINA MARIA DE JESUS

No trabalho de pesquisa que envolve História e Literatura é comum o surgimento de comentários ou questionamentos que tentam desqualificar ou diminuir a veracidade do que é expresso nos textos literários. Nesse sentido, ao compreender a escrita como um meio de detenção do saber é preciso observar o contexto de sua criação, considerando quais são os saberes legitimados pela sociedade da época, questionando suas existências e reflexos.

Em entrevista concedida ao canal UNIVESP (2015), Sidney Chalhoub pontua que toda escrita nasce dentro de um contexto. O pesquisador afirma que ainda que quem escreva não domine inteiramente o que faz, sua ação é regida no circuito em que está inserido e do qual não pode escapar. Com isso, o papel do historiador ao mergulhar no universo da literatura é entender aquilo que o autor está informando e, com isso, buscar referenciais e aproximações para inseri-lo em uma época e lugar. Sousa (2018) destaca que:

Essa busca de perceber como os sujeitos atribuem sentidos para sua trajetória no tempo faz parte de um importante diálogo com a história cultural, naquilo que essa permite perceber com relação à história da circulação dos sentidos no meio de uma sociedade. (SOUSA, 2018, p. 30).

Dessa forma, são os conjuntos de hábitos e costumes que permeiam a sociedade que legitimam as pesquisas que envolvem História e Literatura, embora existam diferenças entre o fazer literário e o historiográfico. Acerca das diferenças e aproximações entre os dois campos, a escrita literária pode aderir à ficção; já a produção do historiador carrega como elemento primordial a pretensão da verdade, isto é, a exposição de fatos. Literatura e História fazem uso da criatividade

para criar conexões na escrita, porém, a criatividade do historiador é distinta por ser movida pela busca por aproximações ou contradições entre as informações que vão surgindo no decorrer da pesquisa, já que a função do pesquisador é informar e tentar se aproximar dos fatos da forma mais assertiva possível.

Ainda assim, apesar das ambiguidades entre História e Literatura, elas se interpenetram, considerando que a História, ainda que seja uma ciência, é também um gênero literário. Como a escrita é um traço fundamental do fazer historiográfico, o historiador facilmente se aproxima do literato. Por outro lado, também é importante pontuar que a Literatura, que é arte, está mergulhada na História, seja ela composta de narrativas historiográficas ou de experiências vividas (BARROS, 2010, p. 2).

Nos últimos tempos, o gênero literário que tem atraído a atenção dos historiadores vem da expressão pessoal, da escrita de si. Sobre isso, vale salientar que nos últimos anos também ocorreu um aumento considerável nas publicações de caráter biográfico ou autobiográfico, o que indica que há um interesse por parte dos leitores em uma escrita mais íntima, encontrada em correspondências e diários, por exemplo. (GOMES, 2004, p. 7).

Ademais, cabe mencionar que a escrita de si sempre existiu, mas ela só se firmou como conceito e categoria de análise após, em 1983, Foucault elaborar um artigo analisando cartas e cadernos antigos (*hypomnematas*). Em suas análises, o autor trabalha a escrita na perspectiva do adestramento e do cuidado de si e a percebe como um exercício de memória ou de consciência. Ao narrar sobre si mesmo, o sujeito tece a sua imagem ao outro e atribui significados para a sua existência, em outras palavras, ele deixa rastros de si e é capaz de produzir discursos que sobrevivem mesmo após a sua morte.

Dito isso, no ano de 1960, o Brasil foi surpreendido com a publicação de um diário que balançou as estruturas da sociedade da época e que, posteriormente, foi traduzido para mais de quatorze línguas. A obra recebeu o nome de *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. Além do título chamativo, o escrito era assinado por Carolina de Jesus, mulher negra que residia na favela do Canindé, em São Paulo. Hoje em dia, o local faz parte da Marginal do Tietê. É interessante pontuar que durante o final da década de cinquenta e início da década de sessenta, o Brasil estava inserido em um cenário político, econômico e social que ficou conhecido como “os anos dourados”. Naquele período, o país vivenciava um acelerado processo de modernização e industrialização, fato que desviou a atenção dos problemas sociais que emergiam, bem como das reais dificuldades enfrentadas no interior das favelas. Assim, o livro de Carolina de Jesus surge como um testemunho da posição que esses sujeitos ocupavam. Audálio Dantas, jornalista que apresentou a autora para as editoras do país, auxiliando-a na publicação de duas obras, escreveu no prefácio da décima edição (2014):

Entrei na história deste livro como jornalista, verde ainda, com a emoção e a certeza de quem acreditava poder mudar o mundo. Ou, pelo menos, a favela do Canindé e outras favelas espalhadas pelo Brasil. Repórter, fui encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro Canindé. Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem.

A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história — a visão de dentro da favela. (DANTAS *apud* JESUS, 2014, s. p.).

Na cidade de São Paulo, polo de maior concentração de problemas sociais em razão do desenvolvimento acelerado, Audálio Dantas atuava como um jornalista que tentava dar voz a personagens anônimos. Com base nisso, em 1958, ele se dirige à favela do Canindé para entrevistar os moradores e saber que tipo de vida levavam (PERPÉTUA, 2013, p. 7-8). Ademais, o trecho citado acima representa, além do interesse do jornalista, o desejo que Carolina de Jesus nutria: ocupar espaços que até então lhe eram negados, como o da escrita. Ao reivindicar um lugar para si, ela lutou e falou por todos que estavam naquela multidão. Nesse sentido, ao observar a obra, é possível constatar que o projeto literário da autora já

havia iniciado anos antes do encontro com o repórter, pois o primeiro relato do diário data do dia 15 de julho de 1955. O trecho diz:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas os custos dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Achei um par de sapatos e remendei pra ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então lavei 3 litros e troquei com Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. (JESUS, 2014. p. 11).

Assim como na abertura do livro, os relatos seguintes têm como elemento recorrente a fome, pois ainda que Carolina de Jesus trabalhasse e tentasse publicar seus textos, ela lidava constantemente com a ausência do suprimento de suas necessidades básicas. A sensibilidade da autora permitia que ela enxergasse a realidade de forma lúcida e questionadora e, ao longo de toda a obra, de modo indireto ou não, Carolina de Jesus responsabilizava os políticos pela situação dos favelados, revelando que os governantes só apareciam nas favelas durante as épocas eleitorais.

No imaginário da sociedade dos anos dourados, a favela era uma realidade distante e o desconhecimento de parte da população que estava fora dessa realidade resultava em interpretações equivocadas. Alguns acreditavam que as favelas eram um lugar de felicidade, talvez por estarem situadas em um espaço distante da competitividade do mundo moderno (PERPÉTUA, 2013, p. 3). Por outro lado, em um país com menos de um século da abolição da escravatura, e considerando que a maioria dos residentes das favelas eram negros, seria pueril não cogitar que a falta de interesse por parte das autoridades fosse uma extensão da visão que se tinha desses homens e mulheres negros durante o Brasil escravocrata. Um entendimento que os concebia como algo menor, indivíduos quase reduzidos a um objeto destituído de sentimento e, por isso, indignos de atenção, uma vez que apenas o fato de desfrutarem de liberdade deveria lhes bastar.

Apesar das faltas plurais (alimento, moradia digna, saneamento básico) e em meio à vida corrida, Carolina de Jesus refletia e concluía que a sua situação se aproximava das vivências de seus ancestrais. Portanto, no dia 13 de maio de 1958, ela declarou que lutava contra a escravidão atual, isto é, a fome. Ao assumir sua própria voz na escrita e ter coragem em sustentar suas falas, a autora afirmou o seu profundo desejo por mudança e liberdade. Em 16 de julho de 1958, fez o seguinte desabafo:

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

— É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo do negro mais iducado do que o cabelo do branco. Porque o cabelo do preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta.

... Um dia, um branco disse-me:

— Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 2014. p. 64-65).

Carolina de Jesus se reconhecia enquanto mulher negra e, mesmo convivendo com o preconceito ao longo de sua trajetória de vida, não considerava sua cor como um obstáculo. O trecho acima esboça a consciência crítica da autora frente à realidade que a cerca, já que ela questiona: “Mas que superioridade tem o branco”? Assim, seguindo com uma série de comparações, Carolina de Jesus convida o leitor a concluir que todos — brancos e negros — estão sujeitos as mesmas coisas, não existindo aquele que é melhor ou pior. O trecho também expõe o desejo de transgressão presente na escritora, uma vez que, mesmo com a rejeição dos seus textos, ela persiste, assumindo o que

podemos chamar de escrita quilombola — se adotarmos o conceito de quilombo como uma ação de resistência política e de escrita como um meio de percorrer espaços.

Rosa e Silva (2020) relembram que durante a segunda metade do século XX, o Brasil não era mais um país colonial e escravocrata. No entanto, ainda conservava os princípios da hierarquização de gênero e de raça herdados da colônia. As pesquisadoras acrescentam que antes do colonizador construir as imagens do “negro” e do “índio”, ele construiu a do “homem” e a da “mulher”. Dessa forma, a hierarquia racial é precedida pela hierarquia de gênero. Por conta dessa hierarquização, muitas mulheres foram impossibilitadas de publicar seus trabalhos, embora tenham produzido tanto quanto os homens.

Carolina de Jesus foi a primeira negra brasileira a ter sete obras publicadas. Atualmente, entre publicações em vida e obras póstumas, a escritora possui cerca de quatorze livros lançados no Brasil. Todavia, ainda que conte com um número razoável de textos e estudos, há quem duvide da sua autoria. Uma das hipóteses considera o fato de Carolina de Jesus não se enquadrar no padrão de mulher negra e favelada que esperavam.

Os textos da autora possibilitaram ao mundo enxergar o interior das favelas. Depois da publicação de seus livros, em especial *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, a sociedade e a academia passaram a olhar para esses locais marginalizados com mais atenção, o que facilita a elaboração de projetos sociais voltados para as comunidades. Ademais, é interessante pontuar que ao passo que a escrita da autora contribuiu para retirar os moradores das favelas do lugar de invisibilidade, ela abriu caminhos para que outras mulheres pudessem adentrar no meio literário. Sobre isso, Conceição Evaristo declara:

Minha mãe leu e se identificou tanto com o *Quarto de Despejo*, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela. (EVARISTO, 2009, n.p.).

Com isso, pode-se refletir que Carolina de Jesus foi responsável por inaugurar uma nova tradição literária, uma literatura oriunda das camadas populares e que, através da criação de laços de reconhecimento, continua a formar “nós” que perpassam gerações. Como prova disso, temos a produção de Conceição Evaristo, Djamilia Ribeiro, Ryane Leão e tantas outras mulheres negras que, por meio da escrita, estabelecem seus lugares e suas vozes no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta pesquisa teve como objetivo discutir sobre a escrita desenvolvida por Carolina de Jesus, mostrando como ela contribuiu para descortinar o interior das favelas do Brasil e romper com a passividade que era imposta ao povo negro na segunda metade do século XX. Em vista disso, foi observado que a escritora era uma mulher profundamente apaixonada pelas palavras. Ainda que o seu contato com a escola tenha sido breve, por conta própria, ela fez da literatura uma companheira inseparável, e, ao devolver as suas leituras ao mundo, acabou criando espaços de representações para si e para os seus iguais.

Dessa forma, a escrita desenvolvida pela autora, especialmente em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, ao trazer relatos acerca do seu cotidiano, acaba por revelar uma série de questões políticas, éticas e morais que se relacionam com a sua época, como: o custo de vida, o preconceito, a falta de assistência política, entres outros. Durante o governo de Juscelino Kubitschek, período onde ocorreu a publicação do seu primeiro livro, o progresso dos setores industrial e econômico ofuscou os problemas sociais. Assim, quando o livro *Quarto de Despejo* é lançado, ele chama a atenção para os problemas que permeavam as favelas do Brasil.

De igual modo, a publicação da obra, em 1960, contribuiu para romper com os estereótipos relacionados aos homens e mulheres negros do país. No final da segunda metade do século XX, o Brasil ainda conservava as bases herdadas da colônia, esperava-se da população negra uma submissão semelhante a que era imposta aos negros que foram escravizados durante o período colonial. Com isso, o ato de transgressão de Carolina de Jesus se dá excepcionalmente pela sua

insistência em adentrar no meio literário, lugar reservado aos homens brancos da elite. A ação da autora propicia a criação de uma imagem que a coloca na posição de presunçosa, mas, que deve ser refletida enquanto um sintoma da sua negação em se manter submissa a vontade alheia.

Dessa forma, pode-se concluir que escrita inaugurada por Carolina de Jesus inicia uma nova tradição literária, pois, a partir dela, outros sujeitos que também viviam às margens passaram a se reconhecer como cidadãos brasileiros e a reivindicar o seu lugar de direito na sociedade. Ademais, para além de todas as questões que envolvem a miséria, a escrita da autora traz outros elementos marcantes, como a violência e a sua busca pelo afeto; busca esta observada, sobretudo, no amor que ela dedica aos filhos.

Dito isso, as obras de Carolina de Jesus podem ser trabalhadas por uma multiplicidade de perspectivas. Embora os destaques estejam focados nas vivências de Carolina de Jesus, o intuito deste estudo também é apresentar a importância de trabalhar os textos da escritora para além das faltas que permeiam a sua existência, evidenciando os aspectos de sua produção que contribuem para o entendimento da sociedade, fortalecendo o reconhecimento da autora enquanto intelectual brasileira.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção A. História e Literatura – novas relações para novos tempos. **Revista Contemporâneos de Artes e Humanidades**, n. 6, p. 1-27, mai.-out., 2010.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio Janeiro: Forense Universitária, 2004.p. 144-162.

GOMES, Angela Maria de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela Maria de Castro et al. **Escrita de si, escrita da história**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-27.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu sonho é escrever**. FERNANDEZ, Raffaella (org). São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Caderno nº 11**. São Paulo, SP: [s.n.], 04/12/1958-19/12/1958. 97 p. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1352132/

MATA, Inocência. O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: **X Congresso Internacional de ALADAA: Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://aladaainternacional.com/wp-content/uploads/O-pos-colonial-nas-literaturas-africanas-de-lingua-portuguesa.pdf>. Acesso em: 24/08/2024.

[mss1352132.pdf](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1352132/). Acesso em: 22 Abr. 2024.

ROSA, Carolina Schenatto da; SILVA, Gilberto Ferreira da. Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-12, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOUSA, Ana Cristina Meneses de. **Escrita de si, intelectualidade e distinção em A. Tito Filho**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018.

SPIVAK Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TANUS, Gustavo. Impressões e arquivos: notas sobre-vida, literatura e vida literária em Quarto de Despejo, de Carolina de Jesus. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 27, p. 1-19, 2022.